

Público

04-02-2015

Periodicidade: Diário

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 51453

Temática: Internacional

Dimensão: 330

Imagem: S/Cor

Página (s): 44

Goto-san

Debate Jornalismo e terrorismo José Miguel Pinto dos Santos

Goto Kenji (1967-2015) era um jornalista japonês que procurava retratar o lado humano dos eventos que cobria, que transmitia as alegrias e sofrimentos das pessoas que encontrava nas situações difíceis de guerra e de exploração que se especializara em relatar. Era compassivo e amante da justiça.

Tinha-se convertido ao cristianismo aos 30 anos. No ano passado tinha ido, pela segunda vez, para a Síria ajudar um amigo. Foi morto no passado sábado. Deixa para trás a mulher, Rinko, e dois filhos, um de dois anos e outro de quatro meses. Que a sua alma descanse em paz.

Nos dias que precederam a sua morte, Goto-san dominou por completo a atenção dos media e das redes sociais no Japão. Mais do que as últimas notícias do que estaria a acontecer nas chancelarias diplomáticas ou nos desertos selvagens da Síria, o que chamava a atenção era a discussão por políticos e comentadores políticos, jornalistas e sociólogos, celebridades do *showbiz* e cidadãos comuns, da responsabilidade do Estado japonês em resgatá-lo e de trazê-lo de volta são e salvo. Subjacente, e frequentemente tornada explícita, estava uma questão filosófica fundamental: qual é a responsabilidade que o Estado tem em proteger um seu cidadão? Até onde deve ir e o que deve cobrir? Só desastres naturais e acidentes sociais? Convulsões e reconversões económicas? Ou também riscos tomados pessoal e livremente? E os comportamentos irresponsáveis? Como



compaginar a liberdade pessoal com a solidariedade social?

Tradicionalmente a sociedade japonesa é extremamente protetora dos seus membros. No entanto, na discussão mediática

sobre a situação de Goto-san notava-se uma quase unanimidade: à solidariedade e proteção coletiva deve estar associada a responsabilidade individual. Goto-san foi para onde foi porque quis e sabendo os riscos que corria; assim devia arcar sozinho com as consequências dos seus atos sem esperar outro apoio do seu país que a simpatia dos seus concidadãos. Maioritária era também a opinião que era uma vergonha o Governo gastar tanto tempo e recursos a ajudar uma pessoa que tinha, por sua própria conta e contra os avisos desse Governo, ido para uma terra de doidos varridos. Mas quem expressou mais cruamente a visão sociologicamente mais tradicional foi a mediática Dewi-fujin, uma avozinha de 75 anos, conhecida por não ter papas na língua. Disse ela: "Se pudesse falar com Goto-san, dir-lhe-ia jiketsu." (Nota: significados de jiketsu: 1. autodeterminação; 2. autoimolação.)

Professor de Finanças, AESE